Manual Ilustrado de Doenças da Vulva

Adriana Bittencourt Campaner
Marcia Fuzaro Terra Cardial
Márcia Farina Kamilos
André Luis Ferreira Santos
Cecilia Maria Roteli Martins
Neila Maria de Góis Speck
Maricy Tacla Alves Barbosa



ABPTGIC
Capítulo de São Paulo

Atheneu

ABPTGIC
Capítulo de São Paulo

DIRETORIA DA ABPTGIC-SP

Diretora Presidente: Marcia Farina Kamilos

Diretora Vice-Presidente: Adriana Bittencourt Campaner

Primeira Diretora Administrativa: Cecilia Maria Roteli Martins

Segunda Diretora Administrativa: Neila Maria de Góis Speck

Primeira Diretora Tesoureira: Yoshiko Aihara Yoneda

Segunda Diretora Tesoureira: Maria Ascension P.V. de Almeida

Diretora de Relações-Públicas: Maricy Tacla Alves Barbosa

Diretora Científica: Marcia Fuzaro Terra Cardial

Conselho Fiscal: André Luis Ferreira Santos e Angelica Sales Barcelos Souza



Manual Ilustrado de Doenças da Vulva

EDITORES

Adriana Bittencourt Campaner

Marcia Fuzaro Terra Cardial

Márcia Farina Kamilos

André Luis Ferreira Santos

Cecilia Maria Roteli Martins

Neila Maria de Góis Speck

Maricy Tacla Alves Barbosa

ABPTGIC
Capítulo de São Paulo

Atheneu
Rio de Janeiro • São Paulo
2020

EDITORA ATHENEU

São Paulo — Rua Avanhandava, 126 – 8º andar
Tel.: (11) 2858-8750
E-mail: atheneu@atheneu.com.br

Rio de Janeiro — Rua Bambina, 74
Tel.: (21) 3094-1295
E-mail: atheneu@atheneu.com.br

CAPA: Lucas Terra Cardial
PRODUÇÃO EDITORIAL: Adielson Anselme

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M251

Manual ilustrado de doenças da vulva/Adriana Bittencourt Campaner... [et al.]. –
1. ed. – Rio de Janeiro : Atheneu, 2020.

Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-388-1077-3

1. Vulva – Doenças. 2. Vagina – Doenças. I. Campaner, Adriana Bittencourt.

20-63347 CDD: 618.16
CDU: 618.16

Leandra Felix da Cruz Candido- Bibliotecária- CRB-7/6135

05/03/2020 12/03/2020

Campaner, A.B.; Cardial, M.F.T.; Kamilos, M.F. et. al.
Manual Ilustrado de Doenças da Vulva

© Direitos reservados à EDITORA ATHENEU – São Paulo, Rio de Janeiro, 2020.

1

Anatomia Vulvar

Julisa Chamorro Lascasas Ribalta
André Luis Ferreira Santos
Adriana Bittencourt Campaner

♦ Embriologia

No final da segunda semana e princípio da terceira semana do desenvolvimento embrionário, proliferam na porção caudal do disco germinativo células ectodérmicas que irão se deslocar para a linha média, definindo o sulco primitivo; ladeadas por pequenas saliências que se invaginam nesse sulco, determinam a formação do mesoderma ao longo do disco embrionário. Este passa a ter três camadas: ectoderma, mesoderma e endoderma.

As células mesodérmicas intraembrionárias encaminham-se para a porção cefálica do disco até a placa precordal e formarão a membrana bucofaríngea. O mesmo processo ocorre em direção caudal, no ponto de encontro entre o ectoderma e o endoderma do disco, formando uma película bilaminar: a membrana cloacal. Em seguida, pela presença do septo urorretal, de origem mesodérmica, entre o alantoide e o intestino primitivo, essa membrana irá se dividir em duas: a membrana urogenital, anteriormente, e membrana anal, posteriormente.

No período indiferenciado do embrião, a partir da terceira semana de desenvolvimento nota-se a projeção de eminências do mesênquima formando as pregas cloacais ao redor da membrana cloacal. Estas se unem cranialmente e formam a eminência cloacal, que em breve prolifera e recebe a denominação de tubérculo genital. Quando há a separação da membrana cloacal em duas, o mesmo ocorre com as pregas cloacais, que passarão a ser denominadas pregas genitais – as anteriores – e pregas anais – as posteriores.

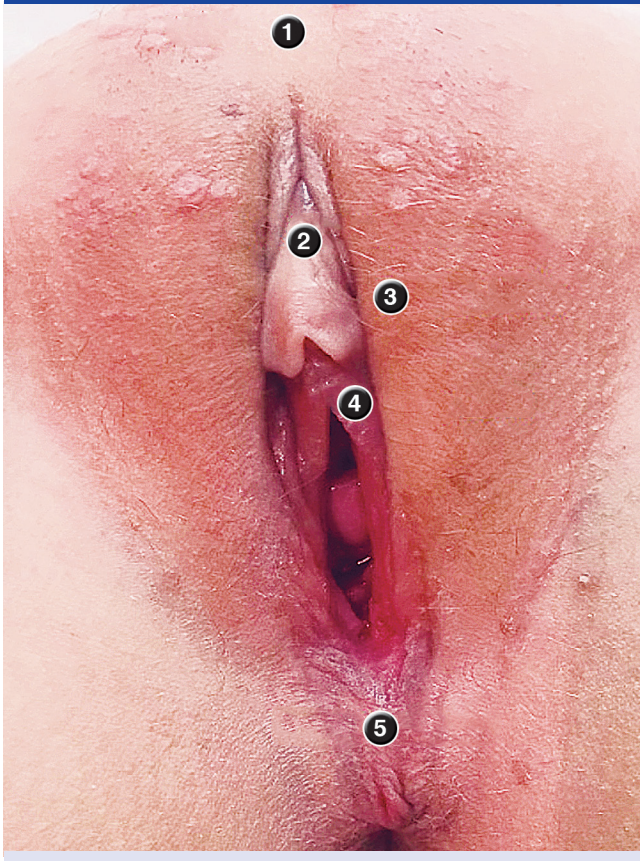
Simultaneamente, ocorre a formação das saliências genitais, que no sexo masculino darão origem às pregas escrotais e no sexo feminino serão os lábios maiores do pudendo. A partir desse momento, os genitais externos diferenciam-se em masculino e feminino. Na mulher, o tubérculo genital originará o clitóris; as pregas genitais não se fundem e formam os lábios menores do pudendo. O sulco urogenital permanece aberto, denominado vestíbulo, onde se abrem o óstio uretral externo, o óstio vaginal, os óstios das glândulas vestibulares menores – as parauretrais de Skene, e das vestibulares maiores – as glândulas de Bartholin – oriundas do seio urogenital, homólogas

às bulbouretrais masculinas. Por ação hormonal dos estrógenos placentários e maternos, ocorre acúmulo de tecido adiposo à frente da sínfise púbica, formando o monte do púbis recoberto por epitélio ectodérmico. Desse modo, constitui-se a vulva ou o pudendo feminino.

♦ Anatomia

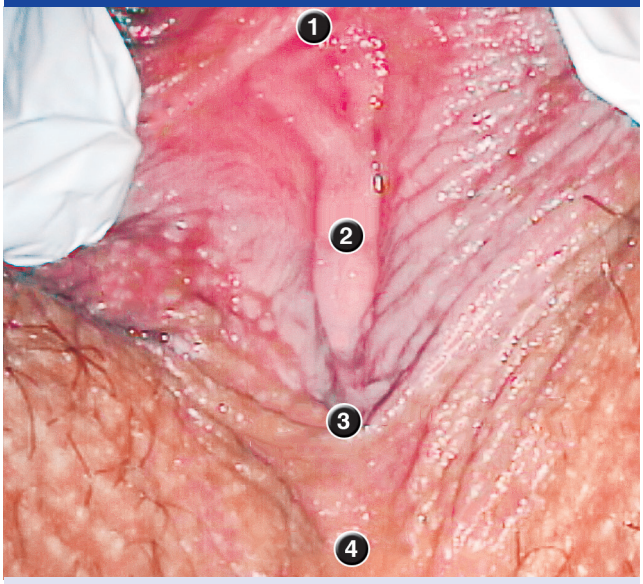
Como explicado pelo desenvolvimento embriológico, o genital externo da mulher corresponde à vulva ou ao pudendo feminino e é composto pelo monte do púbis e pelos lábios maiores do pudendo, definindo a rima do pudendo (ou rima vulvar) e os lábios menores do pudendo circundando o vestíbulo vulvar. Este apresenta cranialmente o clitóris, os óstios externos da uretra e da vagina, as glândulas vestibulares maiores e menores e os bulbos do vestíbulo. Posteriormente, a região entre a rima vulvar e o ânus é denominada corpo perineal (Figuras 1.1 a 1.3).

FIGURA 1.1



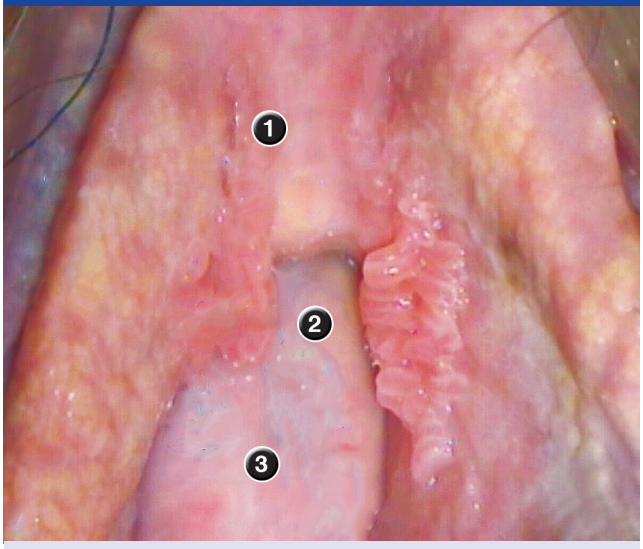
Vulva: *monte de Vênus, lábios e clitóris*. (**1**) Monte de Vênus; (**2**) Prepúcio e frênulo do clitóris; (**3**) Grande lábio; (**4**) Pequeno lábio; (**5**) Corpo perineal.
Fonte: foto do arquivo pessoa do Dr. André Luis Ferreira Santos.

FIGURA 1.2



Vulva: *pequenos lábios e carúnculas*. (**1**) Comissura labial anterior; (**2**) Carúnculas himenais; (**3**) Comissura labial posterior ou fossa navicular; (**4**) Corpo perineal.
Fonte: foto do arquivo pessoal da Dra. Adriana Bittencourt Campaner.

FIGURA 1.3



Vulva: *vestíbulo*. (**1**) Uretra; (**2**) Região vestibular; (**3**) Carúnculas himenais.
Fonte: foto do arquivo pessoal da Dra. Adriana Bittencourt Campaner.

O monte do púbis, também chamado de Vênus, é formado por coxim gorduroso, recoberto de epiderme pilosa, de formato triangular de base superior e anteriormente, significa a comissura dos lábios maiores e inferiormente esconde o clitóris (ver Figura 1.1).

Os lábios maiores do pudendo são homólogos ao escroto do homem. Delimitam a rima do pudendo e prolongam-se posteriormente diminuindo de tamanho e unindo-se a aproximadamente 3 cm da borda anal. O seu revestimento cutâneo contém glândulas sebáceas, sudoríparas e pelos grossos, especialmente nas suas porções laterais, que se pigmentam após a puberdade. Nas áreas mediais, a pele é glabra, rosada e úmida, entrando em contatos com os lábios menores do pudendo no sulco interlabial. Relata-se que entre a pele e o tecido adiposo dos lábios maiores há fina camada muscular lisa análoga ao dartos do sexo masculino. Simões et al. (2014) afirmam que o ligamento largo do útero termina no eixo do tecido adiposo dos lábios maiores.

Em geral, os lábios menores do pudendo são assimétricos, de espessura variável e formam o limite do vestíbulo. Essas pregas cutâneas têm em seu eixo tecido conjuntivo frouxo, com fibras elásticas, rico em vasos e colágeno reticular, mas pobre em células adiposas. Os lábios menores do pudendo são recobertos pela semimucosa, pois sua epiderme não contém a camada granulosa e córnea, e desprovidos de glândulas sudoríparas e pelos. Porém têm várias glândulas sebáceas de abertura livre, sem folículos pilosos. A pele varia de rosada a pigmentada, segundo a ascendência racial da mulher e a paridade. Habitualmente encontram-se escondidos na mulher madura, exceto as muito magras. Cada lábio menor contribui para a formação do prepúcio do clitóris anteriormente e para o frênulo do clitóris, posteriormente. De formato semilunar, apresentam-se maior em sua porção média, estreitando-se posteriormente, e fundem-se aos lábios maiores. Nas mulheres mais jovens, pode-se notar prega transversal unindo as bases dos lábios menores, porém, após o parto, essa trave se desfaz. Durante a excitação sexual, os lábios menores tornam-se túrgidos, aumentam de espessura e são muito sensíveis pela riqueza de terminações nervosas e receptores sensoriais, principalmente ao toque (ver Figuras 1.1 e 1.2).

O vestíbulo é uma região triangular entre os lábios menores do pudendo. Apresenta em seu assoalho as aberturas dos óstios da uretra, vagina e glândulas vestibulares, desde o frênulo do clitóris anteriormente até a fossa navicular posteriormente, entre a linha de implante do hímen e o encontro dos lábios maiores. O hímen é delicada membrana de eixo conjuntivo revestido por epitélio escamoso não queratinizado de origem endodérmica, cujo formato varia de semilunar a circular, perfurado ou não, de acordo com atividade sexual e partos, quando, então, apresenta pequenas projeções – as carúnculas himenais (ver Figuras 1.2 e 1.3).

As glândulas vestibulares menores são formações mucosas da lâmina própria do assoalho vestibular, encontradas ao longo da linha média, desde o clitóris até o óstio da vagina. As glândulas vestibulares maiores abrem-se na base dos lábios menores, próximo à inserção do hímen, e correspondem às glândulas bulbouretrais do homem; respondem pela lubrificação do introito vaginal.

Na comissura anterior. dois corpos eréteis formam o clitóris, com glande rudimentar, sendo revestido de epitélio estratificado plano queratinizado. Os corpos cavernosos do clitóris iniciam-se logo abaixo dos ramos descendentes do púbis e sãorecobertos por denso tecido conjuntivo e fibras do músculo isquiocavernoso. O clitóris tem trajeto ascendente e logo curva-se para o sentido descendente. Diferente da estrutura masculina,

não contém em seu interior o trajeto da uretra. Mede aproximadamente 2 cm, é muito sensível e está ligado à excitabilidade sexual feminina.

Os bulbos do vestíbulo são compostos por tecido erétil de forma aparentemente piramidal com base para trás e ápice para frente, localizam-se na base dos lábios menores e voltam-se para o assoalho do vestíbulo e para o diafragma urogenital a cada lado. Possuem plexo venoso em comunicação com o corpo cavernoso do clitóris e terminam junto às glândulas vestibulares maiores. São cobertos pelos músculos bulboesponjosos e, durante excitação sexual, aumentam de volume por conterem muitos vasos sanguíneos.

♦ Irrigação vascular e inervação

Como descrevem Simões et al., a irrigação arterial do períneo e da genitália externa ocorre pelas artérias pudendas externas e internas. As artérias emitem ramos retais para os músculos elevadores do ânus e para o bulbo da vagina, e ramos perineais para o clitóris. A veia dorsal do clitóris drena o tecido erétil e dirige-se para a veia dorsal profunda, terminando no plexo vesical. O restante da vulva é drenado pelas veias pudendas.

Os vasos linfáticos acompanham os vasos sanguíneos drenando a linfa para linfonodos sacrais, ilíacos internos, inguinais e os últimos, ilíacos externos, por sua vez, o fazem para os linfonodos comuns, a cada lado, e posteriormente para os linfonodos lombares.

O nervo pudendo, oriundo da raiz sacral S3, passando próximo à tuberosidade isquiática, emite ramos perineais retal inferior e dorsal do clitóris e em todo o períneo e o ânus.

♦ Histologia

Como descrito em sua anatomia, a vulva apresenta-se revestida de epitélio escamoso queratinizado com pelos, glândulas sebáceas e sudoríparas e corpúsculos sensoriais e dolorosos nas regiões do púbis e dos lábios maiores. Abaixo do epitélio, encontra-se a derme, constituída por tecido conjuntivo ricamente vascularizado, com numerosos corpúsculos neurossensoriais que reagem ao toque e à dor. Numerosos elementos de defesa imunológica disseminam-se por toda essa região.

Continuando em sentido centrípeto, o epitélio dos lábios maiores dirige-se para os sulcos interlabiais, neste momento como pele glabra, isto é, sem pelos, embora mantendo os elementos sudoríparos e sebáceos. As faces externas e parcialmente as faces internas dos lábios menores recobrem-se do mesmo epitélio escamoso queratinizado sem pelos e de coloração mais clara do que os locais descritos. A porção restante dos lábios menores, a partir da linha de Hart, passa a apresentar epitélio escamoso não queratinizado, delicado, úmido, sensível, congesto quando em estado de excitação sexual. Nessa porção de transição, esse revestimento costuma ser definido como semimucosa. A derme é menos espessa do que nos lábios maiores e também há menor número de elementos sebáceos e sudoríparos. A vascularização é rica e a sensibilidade do local bem desenvolvida, e ainda há menor quantidade de camada gordurosa na profundidade.

Como já explicado, os lábios menores juntam-se na comissura anterior formando o prepúcio do clitóris com as mesmas características epiteliais escamosas. No assoalho do vestíbulo, estende-se a mucosa de epitélio escamoso não queratinizado, de coloração

rosada, úmida, revestindo todo o espaço entre as bases dos lábios menores, circundando os orifícios glandulares vestibulares menores e maiores – as glândulas de Bartholin –, além das glândulas parauretrais ou de Skene. Todas com importante função na lubrificação durante a atividade sexual.

A epiderme do períneo e da região perianal é a mesma do restante da vulva, de epitélio escamoso queratinizado com poucos fâneros junto ao centro tendíneo do períneo e com alguns pelos na borda anal. A derme, como no restante da região, é bastante vascularizada, com muitos receptores sensoriais e elementos de resistência orgânica, todos localizados sobre tecido gorduroso, variável de acordo com a distribuição corporal de cada mulher. A riqueza de células melânicas lhe confere variação de coloração, sendo mais escura nos casos de persistência de processos inflamatórios, estendendo-se até as raízes das coxas, e mais claras nas mulheres de origem caucasiana.

♦ Bibliografia

Costa AMM, Soares Jr. JM, Simões M, Baracat EC, Simões RS. Embriologia do trato genital inferior. In: Martins NV e coeditores. Patologia do Trato Genital Inferior. 2. ed. SP: Revinter; 2014:15-31.

Langman J. Langman's Medical Embryology – Human Development. Trad. Junqueira LCU. SP: Atheneu; 1966:138-55.

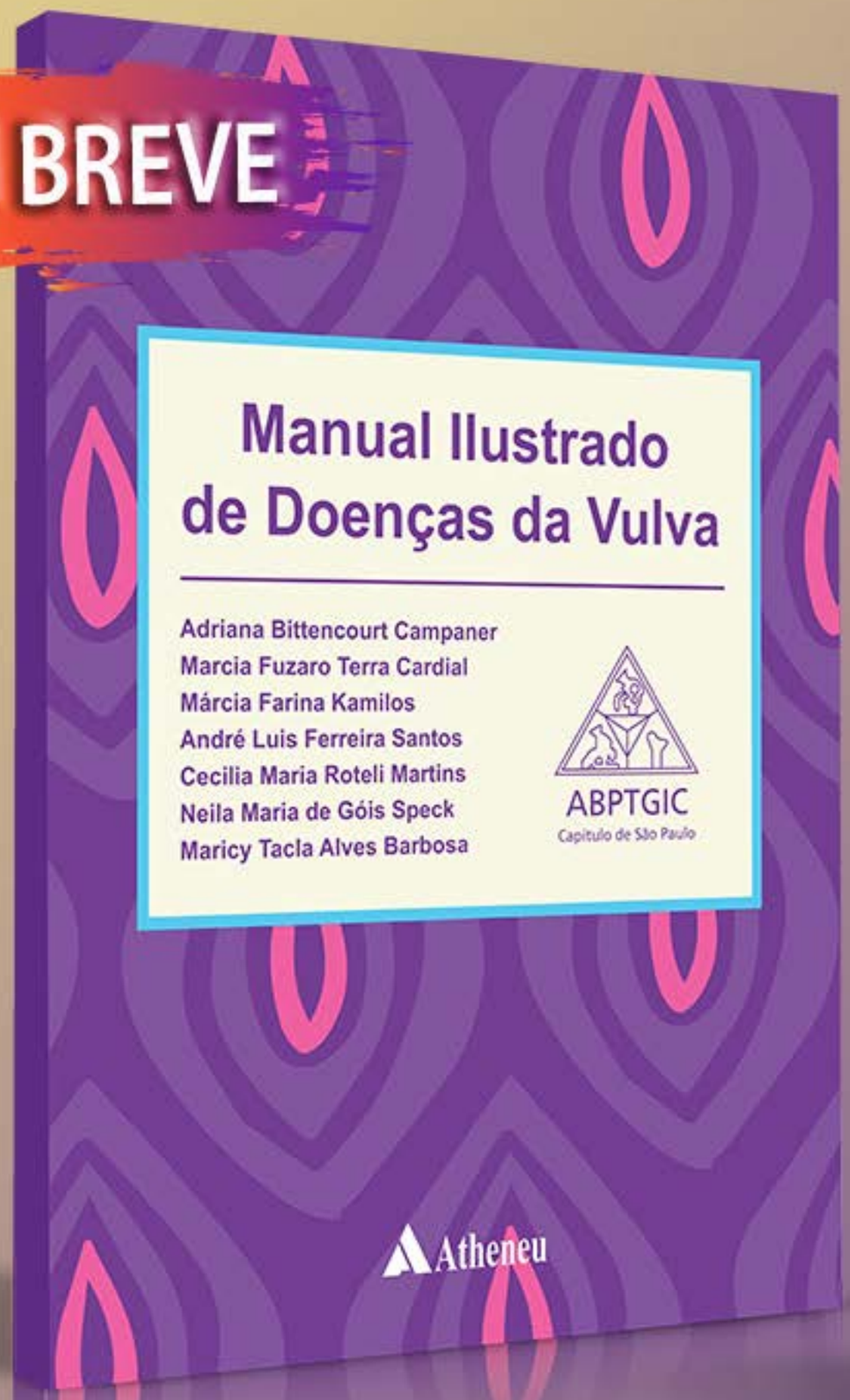
Robert R, Labat JJ, Riant T et al. The pudendal nerve: clinical and therapeutic morphogenesis, anatomy and phisiopathology. Neurochirurgie. 2009; 55:463-9.

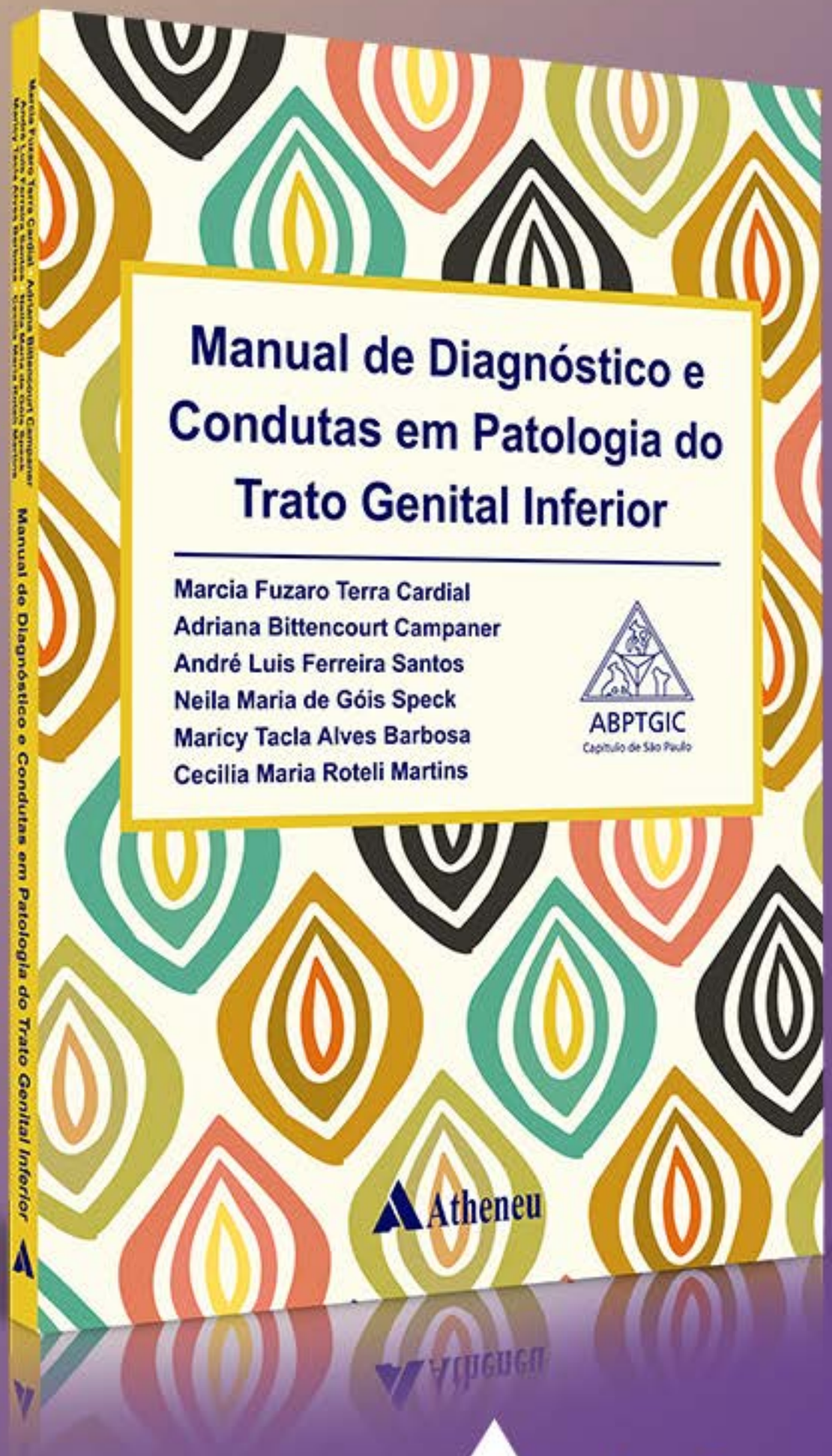
Simões RS et al. Anatomia descritiva e topográfica do trato genital. In: Martins NV e coeditores. Patologia do Trato Genital Inferior. 2. ed. Roca; 2014:21-31.

A família tá crescendo!

ABPTGIC
Capítulo de São Paulo

EM BREVE





www.atheneu.com.br

Atheneu